

SATANISMO EM GOVERNADOR VALADARES-MG: ANÁLISE DO FENÔMENO RELIGIOSO NO CONTEXTO URBANO

SATANISM IN GOVERNADOR VALADARES-MG: ANALYSIS ON THE RELIGIOUS PHENOMENON IN THE URBAN CONTEXT

DOI:

Recebimento dos originais:

Aceitação para publicação:

Franthiesco Cardoso Dias

Graduando em Ciências Sociais

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Av. P H Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa - MG, 36570-900

E-mail: franthiesco.dias@ufv.br

Marcelo José Oliveira

Doutor em Antropologia Social

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Av. P H Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa - MG, 36570-900

E-mail: marcelooliveira@ufv.br

João Pedro dos Anjos Paixão

Mestre em Geografia

Instituição: Universidade Federal de Viçosa

Endereço: Av. P H Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa - MG, 36570-900

E-mail: joao.anjos@ufv.br

RESUMO: O presente artigo é oriundo de uma pesquisa de cunho antropológico realizada na cidade de Governador Valadares, Estado de Minas Gerais, Brasil. Ele analisou um fenômeno religioso de um grupo satanista no perímetro urbano, e suas análises foram feitas entre os anos de 2015 e 2016, a fim de compreender os modos de ação e mobilização do grupo.

Palavras-chave: Satanismo, Magia, Religião, Urbano, Antropologia.

ABSTRACT: This presente paper arises from the nature of an anthropological research performed in the city of Governador Valadares, Minas Gerais State, Brazil. It analyzed a religious phenomenon of a Satanist group within the urban perimeter, and its analys were made during the years of 2015 and 2016 in order to comprehend the behavioral action and mobilization of said group.

Keywords: Satanism, Magic, Religion, Urban, Anthropology.

1 INTRODUÇÃO

Estudar e escrever sobre satanismo é deveras desafiador, pois dentro das ciências sociais não há muita produção científica que trate exclusivamente do fenômeno satanismo. A partir disso decidimos nos debruçar sobre o tema à luz das ciências sociais, preferencialmente utilizando da antropologia como área temática para análise.

Este trabalho foi baseado num grupo religioso autodenominado como satânico na cidade de Governador Valadares-MG¹, e foi trabalhado de 2015 à 2016 na Universidade Federal de Viçosa sempre que houve oportunidade de discorrer sobre o tema. Através de observação direta do grupo em um rito e conversas formais e informais com os praticantes da religião, podemos observar a dinâmica de todo grupo na execução de seu rito e adaptação ao espaço urbano considerando a vida na cidade, vizinhança e moral. Ainda no ano de 2016 houve a dissolução do grupo, e apenas um de seus dissidentes concordou em nos fornecer informações para conclusão desse artigo.

Para entender melhor o que é o satanismo temos que compreender também o que foi o movimento de contracultura estadunidense. Esse movimento teve início nos anos 1950 e teve seu apogeu nos anos 1960, influenciando vários movimentos políticos que iam de encontro a sociedade tradicional americana e posteriormente em várias outras localidades no mundo. Talvez o representante mais importante do movimento de contracultura seja o movimento hippie, que foi promovido pela juventude da época. Esses jovens divergiam de valores tradicionais estadunidenses como ter um bom carro, constituir família, ter um bom emprego, uma boa casa e entre tantas outras características os valores morais da sociedade, especialmente os valores cristãos. Isso serviu de combustível para outros movimentos de contracultura como o rock n'roll, movimento punk, beatnik, liberdade sexual (amor livre), movimentos como o greenpeace atual foram em sua fase inicial incentivados pela contracultura. Enfim, a contracultura surgiu nos EUA e através dela uma série de movimentos vieram a reboque balizados pela crítica ao capitalismo e consumismo, desigualdade social e valores morais ocidentais da época – valores esses que compõe a sociedade ocidental atual e contém em sua gênese a moral cristã como demonstra Marcel Mauss (2003) em seu ensaio sobre a noção de pessoa. Também é importante salientar como esses valores que

¹ Segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) Governador Valadares é uma cidade localizada na mesorregião do Vale do Rio Doce, no estado de Minas Gerais, Brasil. Possui uma população de 263.689 pessoas de acordo com o último senso demográfico realizado em 2010.

constituem a noção de pessoa caracterizam o indivíduo e também se relacionam com esse fenômeno religioso, sendo o individualismo uma de suas mais marcantes características.

Nesse cenário efervescente que teve seu apogeu nos anos 1960 surgiu com muita força o satanismo moderno pregado por Anton Szandor Lavey, uma maneira de pregar a liberdade sexual, individual e a satisfação dos prazeres humanos, além de claramente ter como um de seus lemas a liberdade individual em relação as amarras morais cristãs. Lavey surge como fundador da Igreja de Satã nos EUA em 1966, influenciado por forte individualismo, autoindulgência e na lei do talião (em termos leigos o dito popular “olho por olho, dente por dente”). Seus ritos têm influência filosófica de Friedrich Nietzsche (da libertação da humanidade do domínio da moralidade cristã), além de forte influência religiosa de Aleister Crowley, esse último foi importante personagem histórico no meio esotérico e tem forte influência no que hoje pode ser entendido como neoesoterismo (ressignificações de correntes místicas e espiritualistas na atualidade, com caráter heterodoxo e polissêmico, admitindo e assimilando características e dogmas de diferentes práticas religiosas de maneira mais pessoal e individual em sua vivência).

Crowley foi membro da Ordem Hermética Aurora Dourada fundada em Londres em 1888 e após sua saída cofundou a Astrum Argentum em 1907 em que pregava a Thelema, que é caracterizada pelo exercício da vontade, também foi membro da OTO, Ordo Templis Orientis. A Thelema é uma corrente filosófica religiosa criada e difundida por Crowley que prega acima de tudo a satisfação pessoal, o cumprimento da vontade sobre as coisas, em aspectos ideológicos a Thelema tem como lei fundamental a expressão “*Faze o que tu queres, há de ser o todo da Lei. O amor é a Lei, amor sob vontade.*”, aqueles que seguem a lei de thelema devem seguir e buscar seu próprio caminho de vida, sua verdadeira vontade. A Thelema nesse sentido, foi precursora do individualismo religioso (e que se estende a outros aspectos da vida cotidiana) encontrado hoje em várias tradições esotéricas e ocultistas, principalmente no satanismo moderno fundado por Lavey.

O satanismo como movimento de contracultura foi muito forte dos anos 1960 até meados anos 1980 e talvez início dos anos 1990, uma vez que vários artistas principalmente do rock n’roll, punk, metal, trashmetal, deathmetal e outros gêneros musicais afins se envolveram diretamente com o fenômeno religioso e/ou usaram em suas obras referências satânicas e/ou àquelas que criticavam, satirizavam, ironizavam e zombavam dos princípios cristãos e dos valores tradicionais sociais. Jimmy Page (Led

Zeppelin) foi um dos artistas de fama internacional que se envolveu explicitamente com o ocultismo, influenciado por Aleister Crowley e Lavey, produziu junto com Kenneth Anger (diretor de cinema subterrâneo, ocultista e admirador de Crowley, famoso nas décadas de 1960 e 1970) o filme *Lucifer Rising*. Outro grupo que se utiliza de elementos considerados satânicos em sua produção artística é o Iron Maiden, também o MegaDeath assim como o AC/DC e tantos outros grupos de rock n'roll que se estabeleceram entre os anos 1960 e 1970.

O satanismo é um movimento de questionamento dos valores cristãos e morais, pode ser localizado nesse sentido como um movimento de contracultura não-hegemônico, visto que a sociedade ocidental é majoritariamente cristã, sendo o Brasil o país com mais católicos no mundo para melhor ilustrar quando falamos sobre movimento hegemônico.

A temática abordada neste artigo é um fenômeno social concreto, pouco explorado, logo passível de estudo mais aprofundado e análise sistemática para melhor entendimento, além de contribuir para a construção do conhecimento científico. Por questões éticas e de acordos prévios estabelecidos com as fontes, todo material coletado, conversas, entrevistas e observações serviram apenas para a consulta, não sendo permitido a descrição seus ritos ou práticas internas no desenvolvimento deste artigo.

2 - METODOLOGIA

Este artigo é oriundo de uma pesquisa qualitativa, baseado a princípio numa observação participante de uma cerimônia religiosa realizada no dia 23/04/2016 por um grupo que se autodenomina como satânico na cidade de Governador Valadares- MG, além das notas de conversas e entrevistas informais com um membro do grupo. Contudo no mesmo ano de 2016 esse grupo se dissolveu, e diante dessa situação adotamos uma nova perspectiva para esse artigo, a partir dos relatos das memórias de um dissidente.

A pesquisa qualitativa é uma ferramenta importante quando seu objeto de pesquisa concerne a subjetividade humana, podendo capturar melhor a essência do seu tema através das opiniões e outras linguagens observadas nas falas do pesquisado, bem como na linguagem corporal e outros elementos de interação do pesquisado com o meio. Além disso, a pesquisa qualitativa ainda permite em sua execução o uso de

metodologias diversas combinadas como observação participante, entrevista e análise do discurso como proposto nesse artigo.

Em vez de tentar chegar a uma definição singular de pesquisa qualitativa, você pode considerar cinco características, listadas abaixo e em seguida discutidas individualmente:

01. estudar o significado da vida das pessoas, nas condições da vida real;
2. representar as opiniões e perspectivas das pessoas (rotuladas nesse livro como os *participantes*²) de um estudo;
3. abranger as condições contextuais em que as pessoas vivem;
4. contribuir com revelações sobre conceitos existentes ou emergentes que podem ajudar a explicar o comportamento social humano; e
5. esforçar-se por usar múltiplas fontes de evidência em vez de se basear em uma única fonte. (YIN, 2016. p.7)

Yin (2016) mostra conforme citação acima que a pesquisa qualitativa em suma compete em compreender e analisar as significações e significados do que concerne a subjetividade da condição humana, em seus vários aspectos, intersubjetividades e interseccionalidades. Quando se escolhe um tema e objeto de pesquisa é necessário levantar previa e minimamente dados sobre seu tema/assunto, pois como na perspectiva de Bourdieu (2007) não se pode compreender o objeto verdadeiramente se não possui um saber a respeito dele adquirido anteriormente seja através de informantes, o próprio pesquisado ou outras fontes teóricas. Evans-Pritchard (2005) nos apêndices de seu livro *Bruxaria, Oráculos e Magias entre os Azande* nos diz exatamente o mesmo que Bourdieu em seu texto *Compreender*, não se vai cru ao campo de estudo, é preciso um levantamento mínimo de informações sobre o tema de pesquisa, se não fizermos isso poderíamos cair no que chamamos de *sociologia espontânea*, realizada no furor do momento, uma compreensão rasa, sem profundidade que não capturaria a essência do pesquisado, pois dessa forma atentaríamos menos para outros fatores além do contato mais aparente, para não cair na espontaneidade o conhecimento dos métodos, da teoria e da realidade pesquisada são fundamentais na construção do conhecimento científico pela pesquisa.

O que Bourdieu (2007) afirma é que sem conhecimento prévio e suporte teórico não se pode realizar uma pesquisa com qualidade, ela não terá elementos significativos para validá-la ou legitimá-la, contudo dialogando com Yin (2016), não precisamos

necessariamente de um “imenso saber” como afirma Bourdieu (2007) pois a pesquisa também age na construção conhecimento, explorando temas ocasionalmente novos diante da complexibilidade produzida nas relações sociais e/ou visando preencher lacunas deixadas e/ou percebidas em outros trabalhos científicos, bem como trazer outras perspectivas de análise a assuntos já conhecidos. Entretanto, não é recomendável e nem aceito se debruçar sobre a pesquisa sem o mínimo de conhecimento do tema. Ainda em Bourdieu (2006) é importante salientar a necessidade de compreender o todo, mesmo se temos como objeto de pesquisa um pequeno grupo de pessoas ou somente uma pessoa, não podemos dissociá-la do contexto social, porque se não considerarmos “o todo” podemos nos inculzir no que ele teoriza como ilusão biográfica.

Nas ciências sociais, alguns métodos de análise que envolvem história oral, história de vida, memória social, biografia e autobiografia, se não forem executados e analisados sistematicamente e metodicamente, correm o risco de perderem o sentido sociológico/antropológico e se tornarem apenas relatos dissociados do contexto social. Nessas metodologias o cientista há de ter cuidado especial no curso de sua pesquisa, especialmente na localização do seu objeto de pesquisa e seu ethos, seus traços que lhe são tão distintivos em relação aos outros sem esquecer do seu local e sua relação com o meio.

Assim sendo, quando trabalhamos com história oral e dentro dela suas variantes, há de se ter o cuidado de situar o objeto de estudo no espaço e no tempo. Ainda trabalhando com história oral, para esse trabalho é proposto também como método de pesquisa o uso de entrevista, que é um suporte à complementação do referencial teórico. Vejamos o que nos diz Alberti (2013):

Na história oral, a pesquisa e a documentação estão integradas de maneira especial, uma vez que é realizado uma *pesquisa*, em arquivos, bibliotecas etc., e com base em um projeto que se produzem entrevistas, as quais se transformarão em *documentos*, que, por sua vez, serão incorporados ao conjunto de fontes para novas pesquisas. A relação da história oral com arquivos e demais instituições de consulta a documentos é, portanto, bidirecional: enquanto se obtém, das fontes já existentes, material para a pesquisa e a realização de entrevistas, essas últimas tornar-se-ão novos documentos, enriquecendo e, muitas vezes, explicando aqueles aos quais se recorreu de início. (ALBERTI, 2013. p.158)

Aqui Alberti (2013) faz diálogo com Yin (2016), mostrando que o uso de metodologias de pesquisa qualitativa como a entrevista contribui para o enriquecimento da pesquisa, e também na construção do conhecimento científico sobre o tema. Além disso, tendo como o objeto de estudo as pessoas, como capturar e documentar objetivamente aquilo que é do reino dos significados e das significações, que é subjetivo? Por isso se justifica o uso da história oral como um dos métodos de análise, pois assim possibilita através da entrevista, criar-se novos documentos que se unirão a todo o suporte teórico com que o pesquisador estará munido antes e durante a pesquisa, ao final, agindo na produção da ciência. É interessante ver em Alberti (2013) um diálogo também com Bourdieu (2007), mas contrapondo-se ao que ele diz:

Ampliar e aprofundar o conhecimento sobre o tema não significa passar a saber tudo a seu respeito, mesmo porque, se isso fosse possível, não haveria sequer a necessidade de prosseguir na pesquisa e procurar conhecer ainda mais através das entrevistas. Entretanto, essa medida é fundamental para a produção dos documentos de história oral, desde a elaboração do roteiro até o tratamento das entrevistas. (ALBERTI, 2013. p.159)

Alberti (2013) discorda de Bourdieu (2007) quanto ao imenso saber que o pesquisador necessitaria possuir sobre seu tema de pesquisa, é claro que ela não nega a necessidade de conhecimento prévio de causa, porém deixa claro que se conhece tudo sobre a pesquisa, qual a necessidade de aprofundá-la? Eis aqui o motivo pelo qual se realiza uma pesquisa qualitativa de acordo com Yin (2016), a possibilidade de se debruçar sobre temas que são caros ao pesquisador em suas mais variadas formas, aprofundar sobre eles e contribuir na construção da ciência.

Também nesse artigo foi utilizada uma observação participante realizada em 23/04/2016, como já citada acima. A escolha da observação foi importante pois à época de sua execução, era de interesse observar o comportamento e a linguagem corporal do grupo selecionado em um de seus rituais litúrgicos, com ênfase no corpo como categoria de análise. Então, julgamos pertinente acrescentá-la nessa proposição pois, com os dados já obtidos possibilitou-se o aprofundamento no tema.

É no sentido proposto que Becker (1997) salientará a dificuldade de realizar um trabalho apenas com a observação participante, pois estar inserido na ação do pesquisado dificulta o processo de coleta dos dados porque o pesquisador nesse momento não pode tomar nota dos dados simultaneamente a ação. Então, a escolha de

mais de um método nesse trabalho se fez necessária, utilizando tanto da observação participante prévia quanto principalmente da entrevista semiestruturada através dos relatos do pesquisado, entender sua história e por meio dela desenvolver satisfatoriamente a pesquisa, uma metodologia complementando a outra.

3 – REFERENCIAL TEÓRICO

Para uma melhor compreensão do contexto religioso e social desse artigo foi necessário a utilização de alguns conceitos que consideramos fundamentais. Utilizamos então alguns autores, tal qual Marcel Mauss que foram trabalhados como conceito-chave nesse trabalho, em diálogo com outros como Becker, Descartes, Bourdieu, entre outros clássicos das Ciências Sociais. Abaixo seguem os conceitos que elencados para esse artigo:

3.1 - NOÇÃO DE PESSOA

A noção de pessoa começou a ser construída no pensamento ocidental contemporâneo quando Descartes (1999) fez a separação entre mente e corpo ao afirmar “penso, logo existo”. No seu discurso racionalista, ele inicia um processo de construção de representação do corpo que acompanha as sociedades moderno-ocidentais. Pode-se entender essa expressão como uma divisão entre corpo e mente que Descartes (1999) faz. Flores-Pereira (2010) diz que ocorrem duas consequências nessa divisão: “*a atribuição de diferentes valores sociais para o corpo e a mente, assim como um gradual processo de objetificação do corpo humano*”. Na primeira consequência há uma separação entre corpo e mente, com relação à mente Descartes (1999) atribui maior valor, pois representa a racionalidade, o pensamento que são distintivos daquilo que é pessoa humana. Já o corpo é uma matéria diferente que a pessoa (mente) detém e lhe é atribuído menor valor. Na segunda consequência, o corpo passa a ser objeto da mente e ela intervém sobre ele transformando e adaptando-o em relação ao meio. Dessa forma, a mente (onde se encontra a noção de pessoa, eu) através dos valores e normas sociais internalizados faz do seu objeto (corpo) uma expressão da cultura que pertence. Assim, o corpo transmite uma linguagem (técnica corporal) socialmente construída na mente e externalizada nas relações sociais, ele se torna um símbolo que imprime uma imagem social. Desde Descartes a noção de pessoa vem sendo trabalhada, contudo a partir do

racionalismo e individualismo de Kant em sua filosofia que a noção de pessoa se torna efetiva no pensamento ocidental.

Marcel Mauss (2003) em sua obra *Sociologia e Antropologia* define muito bem a noção de pessoa ocidental, construída a partir da *persona* latina:

Todos sabeis o quanto é normal, clássica, a noção de *persona* latina: máscara, máscara trágica, máscara ritual, e máscara de ancestral. Ela aparece no início da civilização latina.

Quero vos mostrar de que maneira ele se tornou efetivamente a nossa. O espaço, os tempos, as diferenças que separam a origem desse fim são consideráveis. Evoluções e revoluções dispõem-se, historicamente desta vez, segundo datas precisas, e por causas visíveis que iremos descrever. Essa categoria do espírito vacilou em alguns pontos, noutros lançou profundas raízes. (MAUSS, 2003. p, 381)

Mauss (2003) nos mostra que a construção da noção de pessoa no pensamento ocidental contemporâneo tem influência grego-romana, nosso eu é *persona* latina, por conseguinte mais profundamente em sua obra constrói um longo caminho perpassando por influências da China, Índia etc., até concluir que a noção de pessoa ocidental está calcada na moral cristã, os valores éticos, sociais e até o direito fundamental do que é humano (influência de Kant), são fundamentados na moral cristã e podemos perceber o poder simbólico da moral cristã observando a constituição brasileira, onde mesmo o estado sendo separado da igreja, portanto laico, está inscrito logo no preâmbulo da constituição federal de 1988:

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. BRASIL, 1988.

Assim, pode-se observar a força que o cristianismo exerce na sociedade ocidental, pois sob a proteção de Deus o estado democrático brasileiro foi fundado. Logo, confere-se que a constituição do que é pessoa perpassa pela separação de mente e corpo, onde a mente é tida como mais importante por conter nela a racionalidade, a consciência, o “eu”, e na nossa sociedade ocidental está intrinsecamente atrelada a moral cristã; e o corpo é objeto da mente e é moldado de sociedade para sociedade condicionado de acordo com a cultura local, e no caso do ocidente moldado por essa moral. Dependerá das significações culturais locais o comportamento social, que refletirá nas expressões corporais através da ação uma série de regras sociais e revelará diferenças condicionadas por sexo/gênero, idade e classe social.

3.2 – INDIVÍDUO

O indivíduo consiste no ser humano que possui internalizadas as significações e representações imaginárias que compõe o imaginário social, que são constituintes daquilo que forma seu mundo próprio, seu eu interior, sua identidade, seu caráter, sua personalidade.

Para Castoriadis (1992) em seu texto *Poder, Política e Autonomia*, o indivíduo é o ser vivente inserido na sociedade. Se torna indivíduo a partir no momento que em sua psiquê já estão internalizados as normas e valores sociais que lhe foram apresentados desde o nascimento pela família ou aqueles responsáveis pela sua criação e pela própria sociedade através das suas instituições. Essas normas e valores explícitos e implícitos que constituem as significações sociais são construídas num processo sócio-histórico, e a partir disso cada sociedade estabelece e constrói o seu imaginário social que é compartilhado por todos os indivíduos. Mas não temos a priori consciência de que os valores e normas sociais implícitos e explícitos constituem o mundo próprio da cada sociedade, que é ao mesmo tempo instituído - pois quando nascemos a sociedade já está formada, e instituinte - pois nós os viventes dessa sociedade podemos alterar o instituído.

O indivíduo está além da noção de pessoa. A noção de pessoa qual observamos à luz de Marcel Mauss (2003) é aquilo que constitui a norma e moral social compartilhada por todos os indivíduos que quando analisados como um contingente, uma massa de pessoas, seres viventes, configuram e conformam a sociedade e seu mundo próprio. A noção de pessoa está mais próxima do eu do imaginário social, e o

indivíduo é aquele que a partir do eu social, dos valores e normas apresentados no seu processo de educação pela família e/ou responsáveis apreende as significações fragmentadas do mundo, é um processo complexo que também pode ser chamado de fabricação social do indivíduo explicitado por Castoriadis (1992), essa fabricação se dá através de três dimensões indissociáveis de apreensão e compreensão do mundo: a representação, a intenção e o afeto.

O processo de fabricação social formata e prepara a pessoa para a vida em sociedade, e ao longo dele é construído seu imaginário radical, sua identidade própria, e é por meio desse imaginário radical que a pessoa se constitui indivíduo, pois ele fornece instrumentos cognitivos que permitirão a interpretação, significação, ressignificação, validação ou não da realidade do mundo observada no magma de representações fragmentadas da sociedade.

A sociedade molda as pessoas em primeira instância através da psiquê, ela precisa ser formatada para viver em sociedade, e é esse processo que caracteriza o indivíduo. Tudo isso conforma o ser, a pessoa, formata, agride, torna o ser indivíduo social. Dentro de si, o indivíduo possui mecanismos de autopreservação e autoconservação que o impedem de certa maneira de lutar contra as normas e valores sociais estabelecidos. Vejamos o que diz Castoriadis (1992):

A sociedade cria seu mundo, ela o investe de sentido, faz provisão de significação destinada a suprir com antecedência tudo o que aparecer. O magma de significações imaginárias socialmente instituídas absorve potencialmente tudo que poderia acontecer; em princípio, não pode ser surpreendido ou pego desprevenido. Nisso, evidentemente, o papel da religião – e sua função essencial para a *clausura* do sentido – sempre foi central... (CASTORIADIS, 1992. p.128)

Entretanto pode-se ressignificar as representações fragmentárias da sociedade, também utilizar de instrumentos cognitivos para pensar a sociedade e o seu papel enquanto instituinte e instituído da ordem social. Esse é um processo muito complexo, pois envolve o questionamento sobre si e sobre a sociedade. Conforme citação acima, podemos identificar o papel da religião na formação dos valores e normas sociais: na sociedade ocidental o cristianismo e sua moral como observado por Mauss (2003) na construção da noção de pessoa que norteia nossa sociedade.

Então, o indivíduo é aquela pessoa que a partir da norma instituída constrói e configura seu mundo próprio, sua identidade, se torna singular em meio a uma massa de pessoas que formam a sociedade.

3.3 - MAGIA

Não há uma definição clara sobre magia, mas podemos na sociedade contemporânea pensá-la como um sistema religioso que compreende ritos e fenômenos baseados em antigos cultos, que por sua vez podem ser classificados como pagãos através da moral cristã de nossa sociedade. Para que um sistema religioso seja considerado mágico deve compreender agentes, atos e representações: os agentes são os indivíduos que praticam e efetuam os atos mágicos; as representações compreendem o conjunto de crenças e ideias relacionadas aos atos mágicos; e os atos são o que podemos classificar como os ritos mágicos. Mauss (2003) escreve que os *“ritos mágicos e a magia em geral, são fatos de tradição”*, precisam ser balizados na opinião e carecem de repetição para serem legitimados, além de serem transmissíveis.

É importante salientar que nem todos os ritos tradicionais podem ser confundidos com atos mágicos. Rituais seculares e sagrados (nem todos são mágico-religiosos) como o sistema jurídico, as técnicas, não são mágicos, mesmo tradicionais e repetitivos na sua execução. E os ritos religiosos para serem mágicos, necessitam de um agente que através da sua execução consiga manipular a realidade causando fenômenos que serão legitimados por um grupo de pessoas e que para elas tenham representação. E Mauss (2003) diz que: *“as práticas mágicas não são vazias de sentido. Elas correspondem a representações, geralmente muito ricas, que constituem o terceiro elemento da magia”*. p.95. Há uma lógica racional por detrás dos ritos mágicos, Victor Turner (2013) nos diz em sua obra *O Processo Ritual*, que os ritos religiosos - nesse contexto cabem os ritos mágicos – são reflexos da vida social, funcionam como atualização e manutenção das posições sociais, portanto, são reflexos da sociedade.

A magia é, portanto, um fenômeno social. Resta-nos mostrar qual é seu lugar entre os outros fenômenos sociais, excetuados os fatos religiosos sobre os quais voltaremos a falar. As relações que ela mantém com o direito e os costumes, com a economia e a estética, com a linguagem, por curiosas que sejam não nos interessam agora. Entre essa série de fatos e a magia não há senão troca de influências. A magia só tem parentesco verdadeiro com a

religião, de um lado, e as técnicas e a ciência de outro. (MAUSS, 2003. p.172)

Até esse momento não há elementos que caracterizem essa manifestação mágico-religiosa como predominante e/ou mais pulverizada no espaço urbano. Por enquanto fazemos apenas definições da construção da noção de pessoa que na nossa sociedade está totalmente influenciada pelo cristianismo, ressaltando que o grupo estudado se autodenomina satanista e possui um sistema mágico religioso antagônico a moral cristã, pois tendo Satanás como divindade principal, e considerando que a mitologia cristã compreende dois extremos explicitados em Deus e Diabo (Satã, Satanás), temos aí o antagonismo. Além da ritualística do grupo parodiar o rito cristão católico, ainda incorpora em si elementos de antigos cultos pagãos, bruxaria e feitiçaria observados na execução ritualística.

3.4 - OUTSIDERS

Pode-se afirmar que desde a Revolução Industrial as sociedades passaram por intensas transformações, até então o mundo ocidental predominantemente agrário e camponês experimentou o advento de um novo fenômeno social: a migração para a cidade e sua formação.

As cidades já existiam quando aconteceu a revolução, contudo a nova realidade trazida pelas máquinas começou a mudar drasticamente a relação do homem com o meio. Muitos autores escreveram sobre as transformações espaciais e sociais desde a revolução industrial como Marx em *O Capital*, Weber em *A Ética Protestante e Economia e Sociedade*. O que nos interessa aqui são os caminhos que esses autores mostram sobre as transformações da sociedade e a formação de uma identidade da sociedade, agora dividida mais explicitamente entre urbana e rural, além de discorrer sobre as adaptações do homem ao meio rural e ao meio urbano, criando dinâmicas para cada um desses meios, mecanismos próprios que são compreendidos mais facilmente pelos indivíduos que vivem em cada um desses espaços. O espaço urbano e o espaço rural possuem linguagem próprias e a ação social é construída a partir dessa linguagem, são meios com “*habitus*” e “*modus operandi*” diferentes, decifrados mais facilmente por seus nativos. Bourdieu (2007) já dizia isso quando escreveu sobre a vida celibatária do

homem do campo, mostrando que seu comportamento era completamente diferente do homem da cidade, tanto cultural quanto corporalmente, as linguagens são distintas.

A Escola de Chicago foi fundamental para melhor compreensão do espaço urbano, a partir dos estudos sobre desvio e rotulação podemos compreender as interações entre diferentes grupos que compõe o espaço urbano. Entende-se como desvio tudo aquilo que foge às normas sociais estabelecidas, pode ser medido pela sociedade com maior ou menor peso, dependendo das circunstâncias. Então, no desvio estão inseridas de acordo com a norma variedades de transgressões sociais.

Ao observar com mais atenção a forma como o grupo estudado se relacionava com meio, podemos perceber que a todo momento havia uma atenção acerca do comportamento durante a execução do rito mágico-religioso, a preocupação em adaptar a linguagem corporal no espaço urbano era evidente. Havia um cuidado em controlar o tom de voz usado durante a cerimônia, adaptação do espaço utilizado como templo para que não demonstrasse a vizinhança o que ali se passava, o horário escolhido para o início da cerimônia estava programado para que não interferisse na dinâmica local.

Nesse momento é de mais fácil entendimento a necessidade de teorizar nesse artigo a noção de eu, indivíduo e magia. Todos os indivíduos do grupo estão inseridos na sociedade local que, independente das concepções religiosas, a priori compartilham de valores, normas sociais e moral predominantemente cristãs como nos mostrou Mauss (2003) ao explicar a construção do eu na sociedade ocidental da qual fazemos parte. Entretanto ao escolherem para si o satanismo como expressão religiosa vão contra os princípios morais cristãos que regem nossa sociedade, compartilhando de ritos que fogem a norma social estabelecida, internalizada e aceita. Agora, pode-se classificar o grupo como Outsiders.

Todos os grupos sociais fazem regras e tentam, em certos momentos e em algumas circunstâncias impô-las. Regras sociais definem situações e tipos de comportamento a elas apropriados, especificando algumas situações como “certas” e proibindo outras como “erradas”. Quando uma regra é imposta, a pessoa que presumivelmente a infringiu pode ser vista como um tipo especial, alguém de quem não se espera viver de acordo com as regras estipuladas pelo grupo. Essa pessoa é encarada como um outsider.

(BECKER, 2008. p.15)

De acordo com Becker (2008), todo comportamento e/ou ação que foge a regra social estabelecida pode ser considerada um desvio, portanto, o agente transgressor é rotulado como um outsider, mas, o transgressor pode considerar seus juízes outsiders. Temos aqui um impasse, como distinguir os outsiders?

Nesse sentido a Escola de Chicago mostra que no espaço urbano a sociedade é homo e heterogênea simultaneamente, homogênea enquanto cidade e heterogênea na sua composição, pois toda cidade é dividida por partes, distritos, bairros, localidades e, dessa forma concentra em sua composição diferentes grupos sociais extratificados cultural e economicamente. O grupo estudado ao incorporar em seus hábitos as concepções religiosas satânicas são considerados desviantes, pois vão contra a moral cristã que rege a sociedade, e é mais homogênea no mundo ocidental.

Diante disso, pode-se inferir que o comportamento desviante é uma rotulação imposta por uma maioria que compartilha de determinado pensamento e/ou regra a um outro grupo divergente. Muitas vezes como mostrado por Becker (2008) os outsiders mantêm sua prática em sigilo para não sofrer sanções sociais e isto se tornou muito evidente observando o comportamento do grupo na execução do seu rito mágico-religioso, tendo o cuidado constante de não despertar a atenção dos vizinhos. É curioso notar que a sociedade tende a procurar fatores desviantes nas personalidades e situações de vida das pessoas, implicitamente aqui temos a noção de eu compartilhada pela sociedade calcada na moral cristã, ora, buscar na personalidade do outro é identificar naquilo que é distintivo do indivíduo, sua construção de eu que julgamos ser única, Todavia analisando um pouco mais profundamente, mesmo naquilo que categorizamos como foro íntimo, não obstante próprio e característico do que constitui o eu, está imbuído de uma moral que na nossa sociedade é extremamente influenciada pelo cristianismo e transmitida pela tradição, portanto, sujeito a seu julgamento. E esses personagens rotuladores, quem são? Becker (2008) os define como os empreendedores morais e os divide em duas categorias: criadores de regras e impositores de regras.

O grupo estudado que no contexto urbano é considerado outsider, aceita o rótulo por se considerarem realmente diferentes em relação a sociedade e eles compartilham essa concepção com outros grupos, mesmo que outros não compartilhem das mesmas regras e dogmas religiosos, compartilham um sentimento de diferenciação, que os torna únicos em relação ao restante da sociedade.

O satanista se vê como diferente, experimenta um senso de alienação em relação àqueles que o cercam. Esse é o primeiro passo da individuação. Primeiro olha seus vizinhos e se questiona os próprios fundamentos de seus valores. A verdadeira pergunta satânica é: “Por quê?” Você é uma pessoa com uma identidade própria, ou simplesmente absorveu o que é rapinado no mercado cultural? Você é autoconsciente? Sente-se orgulhoso por não ser envolvido pelas grandes massas? Como vê aquelas pessoas que encontra em sua existência diária e que, em certo sentido, também são marginais? (GILMORE, 2008. p.35)

Peter Gilmore (2008) foi um dos autores citados pelo grupo para tivéssemos um melhor entendimento acerca de seus dogmas e preceitos, além de hoje ser um dos líderes da Igreja de Satã fundada por Lavey. Na citação acima podemos observar que os satanistas modernos da Igreja de Satã têm consciência que estão de encontro com a norma social hegemônica cristã, e ainda se localizam dentro de um movimento de contracultura. Podemos ainda inferir que eles têm noção de que são outsiders e pelo que podemos observar não se importam com essa rotulagem. Têm orgulho de suas transgressões morais pois não compactuam da moral cristã, porém há um paradoxo, como viver discretamente gozando dos prazeres de liberdade individual que o satanismo propõe numa sociedade modulada pela moral cristã? A resposta dada foi muito simples e racional:

_Na cidade estamos camuflados na multidão que a compõe, menos visíveis em meio há tantos grupos diversos, cada um com suas demandas. As pessoas sempre tentam especular sobre nossas vidas, o que fazemos, mas procuramos manter sempre a discrição naquilo que fazemos, e temos uma vida como outro qualquer, trabalhamos, cuidamos da nossa casa, família. Se morássemos na roça, na zona rural, mesmo no isolamento do campo, estaríamos visíveis em meio a uma população pequena, então as pessoas especulariam mais. (SCS 1, membro do grupo. 23/04/2017)

A fala acima pertence a um dos entrevistados e diante dela pode-se depreender que o satanismo é manifestação mágico-religiosa comungada pelo grupo e é um fenômeno não exclusivo, mas predominante do espaço urbano; considerado uma conduta desviante da norma tradicional, onde os empreendedores morais procuram na personalidade (noção de eu, construído culturalmente no ocidente a partir da moral

cristã e concerne naquilo que é próprio da consciência do indivíduo) e nas situações cotidianas da vida das pessoas, fatores que podem condicioná-las e classificá-las como outsiders. Classificação essa predominante no espaço urbano.

4 ASPECTOS CONCLUSIVOS

Procuramos com a construção deste artigo trazer luz a um fenômeno religioso pouco explorado, no contexto urbano da cidade de Governador Valadares/MG. Pretendemos ainda que ele possa ser uma fonte de reflexões futuras sobre a temática, tanto no campo das referências bibliográficas como conceitos empregados ainda insipientes ou pouco observados no campo acadêmico. Ainda através do método de pesquisa, empregamos uma forma de exercício intelectual sobre fatos ainda pouco acessíveis para pesquisas, levando em conta seu caráter hermético.

Para tal, na observação realizada identificamos alguns parâmetros. O *modus operandi*, ou seja, a forma de execução do rito religioso, denominado Missa Satânica pode ser considerado um espelho de uma missa Católica Romana, munida de liturgia, ladainhas, incensos, velas, comunhão com uso de hóstia e vinho próprios. Entretanto há elementos ali que são distintivos, tal como estátua de Baphomet representando Satanás enquanto deidade, espadas, punhais, livros religiosos, ervas, símbolos, e outros elementos com caráter magico esotéricos. Outro parâmetro que pode ser elencado a partir deste é uma relação de dependência ideológica e prática entre o satanismo professado pelo grupo e o cristianismo católico romano, podendo-se assim entender como uma dicotomia, onde a negação de um seria a negação o outro.

Por fim entendemos que o satanismo observado é um fenômeno religioso compreendido em uma antítese da religião cristã. No contexto urbano, o grupo opera através de reuniões e encontros fechados apenas para seus membros e muito eventualmente alguns convidados como nos foi relatado, em reuniões secretas dado a necessidade de manter a identidade de seus frequentadores como sigilosa. Isso se dá como uma reação à ainda má opinião pública notória sobre as práticas do satanismo. Para operar no meio e construir redes sociais, os praticantes estabelecem relações com outras pessoas que procuram satisfazer intentos e demandas mágico-religiosos para obter finalidades materiais ou espirituais, tendo através daí meios de produção de suas vidas materiais.

Conclui-se que há ainda um vasto campo a ser explorado, tanto no que tange os aspectos religiosos quanto a forma como esses grupos se organizam nas cidades. Este artigo então se propõe a ser uma base para o desenvolvimento de pesquisas vindouras.

REFERÊNCIAS:

- ALBERTI, Verena. A entrevista. In: **Manual de História Oral**. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- BECKER, Howard S. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**; tradução de Maria Luiza X. Borges. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editor, 2008.
- _____. Problemas de Inferência e Prova na Observação Participante. In: **Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Editora Hucitec, 1997.
- BOAS, Franz. **Arte Primitiva**; tradução de Fábio Ribeiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M; M.; AMADO, J (Org). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.
- _____. Compreender. In: **A miséria do mundo**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: 1988.
- CASTORIADIS, Cornelius. Poder, política e autonomia. In: **As encruzilhadas do labirinto III: o mundo fragmentado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992. p, 121-150.
- DESCARTES, René. **Discurso do Método**; tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999. p,61-68.
- DUQUETTE, Lon Milo. **A magia de Aleister Crowley: um manual dos rituais de thelema**; tradução de Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, Oráculos e Magia entre os Azande**; tradução de Eduardo Viveiros de Castro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.
- FLORES-PEREIRA, M. T. Corpo, pessoa e organizações. **Organizações & Sociedade**. Salvador-BA, vol.17, n.54, jul./set. 2010. Disponível em < <https://www.redalyc.org/pdf/4006/400638324003.pdf> > Acesso em 29/03/2023.
- GILMORE, Peter. H. **As escrituras satânicas**; tradução de Silvia Spada. São Paulo: Madras, 2008.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012. Disponível em < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/governador-valadares/panorama> > Acesso em 29/03/2023.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**; tradução de Mariano Ferreira. 7 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MINAYO, M. C. S. (org); DESLANDES, S. F.; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes. 2016.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.399-422.

_____; HUBERT, Henry. Esboço de uma teoria geral da magia. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.45-180.

_____. Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de “eu”. In: **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003, p.365-398.

SALLES, Dahanne Vieira; et al. Contracultura e Movimento Hippie. **LEMAD – Laboratório de Ensino e Material Didático**. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. Disponível em: < <http://lemad.fflch.usp.br/node/217> >. Acesso em 10/12/2017.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**: tradução de Nancy Campi de Castro e Ricardo A, Rosenbush. Petrópolis, RJ. Editora Vozes, 2013.

YIN, R; K. Equipando-se para fazer pesquisa qualitativa. In: **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016, p.22-42.

_____. O que é pesquisa qualitativa – e por que você cogitaria fazer esse tipo de pesquisa. In: **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Tradução: Daniel Bueno; Revisão técnica: Dirceu da Silva. Porto Alegre: Penso, 2016, p.3-21.